

# Correio da Manhã

Director - EDMUNDO BITTENCOURT

Anno III—N. 928

RIO DE JANEIRO—SABBADO, 26 DE DEZEMBRO DE 1903

Redacção—Rua Moreira Cesar n. 117

de praticar um acto impatriótico, elle que em materia de patriotismo pode dar lições a qualquer um?

Estupenda suggestão dos idólos! Chegou o passo a passo a historia do barão do Rio Branco, desde o tempo em que ella era Juca Paranhos e, forçado por seu illustre pae (que foi muito infeliz com os filhos), teve de abandonar o Rio de Janeiro, então terra burgueza e de recato, e abalou para a Europa, onde se casou... Si s. ex. continuar a apular contra mim os seus podengos, naturalmente terei de esmiúdar esta historia.

Entretanto, lisamente confesso, não comprehendo a razão de ser desse diploma de mestre do patriotismo concedido a s. ex. com o privilegio de uma infallibilidade que não admite a ousadia de um reparo.

Não quer isto dizer que eu desconheça os seus relevantissimos serviços prestados honradamente ao paiz, e por este larga e honradamente compensados.

«Mestre do patriotismo», por que? S. ex. era consul do Brasil em Liverpool, com residencia em Paris, onde a Republica o foi buscar para o posto de seu plenipotenciario especial. Apesar de s. ex. exercer funções consulares, seu filho, de nome Paulo, é cidadão francez. Si s. ex. é esse tão preconizado «mestre do patriotismo», como não incutiu no animo do filho o sentimento de amor por sua Patria, como não lhe ensinou ao menos a lingua de seu paiz, como o deixou renegar a nacionalidade de seu pae, um descendente do visconde do Rio Branco?

«Mestre do patriotismo que pôde dar lição a qualquer um», por que?

Porque foi o advogado do Brasil, em boa hora escolhido, para defendel-o na questão das Missões, em que o nosso direito se impunha como uma evidencia?

Nenhum sacrificio lhe impoz essa honrosa missão, em que s. ex. revelou talento e, sobretudo, capacidade para essa ordem de estudos; e estes o recommendaram para pleitear depois o litigio mais difficil do Amapá.

Tanto num como em outro pleito, o sr. barão do Rio Branco trabalhou como um advogado de altas responsabilidades. Cumpriu bravamente o seu dever e nada mais. Igual missão têm desempenhado advogados estrangeiros, e ninguém se lembrou de conceder-lhes o diploma de «mestres do patriotismo» no paiz cuja causa defenderam.

Por estes serviços, cujo valor ninguém será capaz de contestar, a Republica o compensou, farta e generosamente, com honras e dinheiro.

Infelizmente, vivemos num paiz em que os homens que cumprem o seu dever julgam-se com direito a reclamar estatua!

Onde estão, pois, as provas desse afervorado sentimento patriótico que faz de s. ex. um semi-deus inatingivel á critica do povo? Por que ha de este, em sua presença, permanecer de joelhos, num extase de veneração e agradecida humildade?

Mestre do cosmopolitismo, desprezador dos melindres nacionaes de seus patricios, isto sim, s. ex. pôde ser, com o mais legitimo direito.

As provas aqui estão:

— S. ex. quer dar aos bolivianos e argentinos a navegação dos rios brasileiros, até agora cuidadosamente recatada.

Foi s. ex. quem exigiu e obteve que o sr. Rodrigues Alves tomasse medidas violentas contra a mocidade, que protestava, sem razão, é possível, mas muito patrioticamente, contra a entrada dos frades estrangeiros.

— E ainda s. ex. que fere o sentimento nacional de seus patricios, tomando por aluguer, á custa dos dinheiros publicos, mercenarios que renegaram a propria patria, e por elles manda insultar a jornalistas brasileiros, que não se quizeram vender a s. ex. para festajar o seu absurdo e impatriótico tratado.

Medite o povo sobre os pontos que s. ex. ficam e veja depois si eu tenho ou não razão de contestar o diploma de mestre do patriotismo brasileiro concedido ao sr. barão do Rio Branco. E volto á discussão do tratado.

Edmundo Bittencourt

Continua a grande venda de fim de anno, com 25 % de abatimento, na casa das fazendas pretas á rua dos Ourives ns. 23 e 25.

Uma commissão de membros do Centro Geral dos Foguistas esteve hontem na nossa redacção, onde veio procurar e agradecer ao nosso illustre companheiro Gil Vidal a sua attitude na questão do sorteo para a Armada.

### GRANADO & C.

Em sua conceituada Pharmacia e droguaria, á rua 1.ª de Março, 12, continuam estes srs. a distribuir gratuitamente o seu interessante annuario «O Pharol da Medicina», para 1904.

### Pingos e Respingos

Perguntado ao Noiva si não tomaria parte no debate sobre o trafico das brancas, respondeu elle:

— Qual! não entendo disso. Sou bahiano, e neste assumpto sou nativista como todos os diabos!

Ouvindo isto, o Valois flagou que corava.

### A CONFRARIA DO AVANÇA

É este o novo quadro do Espetado. A diuosa e alucinante revista. Em que a primor se vê estyrisado. O mal que nos opprime e nos contrasta.

Do Apollo o palco é por de mais minguido. Nem ha no Rio inteiro tanto artista. Que chegu para ser representado. Um por cento sequer da immensa lista.

Este conselho damos, pois, á empresa: Si quer encheite á cunha com certeza. E ter o mais esplendido successo.

Representando ao vivo a confraria. Que em nosso cobre avança cada dia. — Contractes o papa-arames do Congresso!

Temos a satisfação de annunciar que no dia 22 de dezembro o Sabiao e o Thomazinho estreiarão na Camara.

Antes tarde que nunca.

Nuvens de forma diversa. Que pelo odo fluctuaes. Breve o vento vos dispersa... Só tu, Seabra não saes!

Cyrano & C.

### O caso de S. Paulo

Ahi estão os factos a demonstrar a degradação por que vai caminhando esta pobre Republica, alimentada pela mentira, sustentada por um syndicato de exploradores e venaes. Os attentados, levados a effeito em S. Paulo por dois filhos do presidente do Estado, provam á ultima evidencia o systema que se pretende impor ao paiz, de silenciar ante as mais desgraçadas ladrocinhas, embora demonstradas estas pela força irrefragavel dos documentos. Não ha qualificação que baste para estigmatizar semelhante procedimento, em o qual se divisa a mais completa demonstração de fraqueza do sr. Bernardino de Campos.

Esses são homens limpos, não estivesse envolvido em maroteiras de todo o genero e em transações de inconfessavel esperteza, e os seus intimos tratariam de esmagar a accusação com superioridade e criterio: os dres. Sylvio e Mario de Campos não teriam necessidade de vir para a rua, acobertados pela policia, nivelarem-se a malfetores assalariados. E que elles comprehenderam e ouviram, de certo, confessar nas rodas palacianas, a nihilidade das defezas do Cordeiro Paulistano, na imprensa, e do sr. Alvaro de Carvalho, na Camara dos Deputados.

O cidadão neste desventurado paiz está reduzido a essa humilima condição: ha de assistir impassivel o assalto aos cofres publicos, feito pelos homens do governo, de cumprimento, muitas vezes, com os proprios filhos, como no caso do sr. Bernardino; ha de ser calunniado, ferido na propria honra, ultrajado nos seus direitos, e, no dia em que se quizer defender, terá de arrostar toda a furia das ambições malfetidas!

Desgraçada Republica esta, em que a liberdade morreu por inteiro e o brio vive sob a ameaça da valentia official! Os filhos do sr. Bernardino de Campos julgam-se no direito de participar de rendosos contratos com o Estado, podem receber fartas remunerações do governo, entram nas grossas frotas arrancadas aos cofres do thesouro e não querem que estas patifarias sejam trazidas ás justas censuras do paiz, que tem sido escandalosamente roubado.

E diz-se que já se falou no sr. Bernardino de Campos para magistrado supremo da Nação! É incréditavel que semelhante ultraje tenha sido tirado ás faces de um povo ordeiro e soffredor, cujo crime unico é não se ter ainda revoltado contra a cana-filha que o tem extorquido desavergonhadamente.

É preciso reagir; isto não pôde continuar por mais tempo sob o dominio do crime. O dever aqui é salvar o paiz e a Republica e o meio unico de fazel-o é correr essa canifa ignobil, que ahi está infelicitando a patria para a qual, ha muito, devia ter renascido a liberdade perdida.

Contra o cartão para a Armada fará o sr. tenente Eduardo de Lima, official da nossa marinha mercante, um meeting no domingo, ás 2 horas da tarde, na praça da Imperatriz.

### A "Francillon"

Dumas plagiario? — De quem é a «Francillon»? — Um autor desconhecido e o grande mestre do theatro — Quem decifrá o enigma?

Este caso de propriedade litteraria, em que se accusa o eminente comediographo do *Demi-monde* de ter feito passar como sua uma obra alheia, despertou em Paris, era natural, extraordinaria sensação, assumpto obrigatorio de palestras e commentarios nos circulos litterarios e artisticos da grande cidade.

A *Francillon*, ultima comedia representada do Dumas Filho, porque o mestre não chegou a concluir *La route de Thèbes*, em que trabalhava, quando a morte o veiu surpreender, não é original do escritor applaudido da *Dama aux Camelias*, mas um vergonhoso plagio de uma peça firmada por um homem de letras desconhecido. E isto que, em vão, pretendem muitos fazer crer!

Mas, quem é esse desconhecido que teve a honra de ser roubado pelo mestre? E um tal Auguste Chirac, cujo nome, graças a este curioso incidente, foi agora guindado aos pincares da celebridade.

Tratando-se de uma obra muito allegada no Rio de Janeiro e de um escriptor querido do nosso publico, como Dumas Filho, teráo, certamente, os leitores interesse em conhecer essa historia, em que está envolvido o nome de um grande homem, que, si vivo fosse, já teria, com aquelle estuante espirito que o notabilizou, confundido os seus inimigos, os seus detractores.

A *Revue d'Art Dramatique* iniciou a publicação de uma comedia que, com surteza, verificaram muitos tratar do mesmo assumpto que a *Francillon*. A disposição das scenas era identica, o dialogo quasi equal. Apareceu logo, é claro, quem do apito na bocca, gritasse o classico: «Peg o ladrão!»

A *Revue* prometteu, então, contar a historia mysteriosa da peça. O *Malin*, porém, antecedeu-se-lhe e trouxe á luz da publicidade os dados colhidos pela sua reportagem, e desvendou o nome do autor e o titulo do trabalho dissendido.

Forçado a vir á imprensa, Chirac declarou que em 1884 conheceu um tal Jacobson, de origem dinamarqueza, sujeito muito viajado e muito endinheirado, que se fazia passar por agente de negocios theatraes.

Um dia, procurou-o Jacobson e disse-lhe precisas, para ser exhibida na Russia, de uma peça, cuja protagonista fosse uma mulher, que, para se vingar da infidelidade do marido, se accusasse de o ter trahido. Era preciso, porém, cercar de toda sympathia a heroína e, no final, fazer-se a reconciliação dos conjuges.

Em Versailles, proximo á villa de Jules Claretie, começou Chirac a trabalhar na obra. Foi isto em 1885.

Pela encomenda, recebeu o ignorado escriptor a quantia de 4.500 francos, nunca mais ouvindo falar nem em *Talton*, nem na pessoa que a comprára.

No anno de 1896, adquiriu elle um exemplar usado da *Francillon* e lendo-o, reconheceu que a sua comedia era em tudo semelhante á de Dumas. Para se certificar, recorreu Chirac ao seu archivo, mas em vão, porque não achou allia cópia de *Talton*.

Em 1899, pensou elle novamente no estranho caso. Desta feita, foi, porém, mais feliz, porque, após minuciosas buscas nos seus papeis e livros, descobriu, finalmente, o rascunho desejado, em cuja primeira pagina lia-se as seguintes palavras: *Dente por dente, A vingança e Talton*, tres titulos, dos quaes escolheira o ultimo.

Não quiz Chirac accusar Dumas Filho, o que seria de má gosto, porque o proprio escriptor mostra-se persuadido da probabilidade do glorioso comediographo e diz que foi elle victima, talvez, de algum embusteiro e tomou precauções para evitar a reprodução do desgosto que lhe trouxe a collaboração de Emile De Girardin, no *Supplice d'une femme*.

Um outro autor surgiu logo nas aguas do primeiro declarando tambem